



O trabalho na sala de aula faz a diferença no ensino

Entrevista p. 10 e 11



EPM-CELP foi sujeita a avaliação externa

p. 3

EDITORIAL

As virtudes dos olhares externos

Entre abril e maio realizou-se na EPM-CELP o processo de Avaliação Externa pela Inspeção - Geral da Educação e Ciência (IGEC) do Ministério da Educação de Portugal.

De um modo geral, a avaliação externa pretende contribuir para uma análise reflexiva das escolas públicas portuguesas, envolvendo todos os membros de uma comunidade educativa em torno do que está a ser feito, dando respostas às questões de quem somos, o que queremos fazer e para onde caminhamos enquanto instituições de ensino.

O processo envolveu todos os membros da comunidade: alunos, professores, funcionários e pais, tanto na preparação dos documentos de base da avaliação como nas atividades desenvolvidas durante a visita da equipa do IGEC, que englobou uma apresentação pública da Escola pela Direção, várias entrevistas de painel com grupos da comunidade educativa e assistência a aulas.

Com base nos documentos apresentados pela Escola e nos resultados obtidos a partir das entrevistas e assistência a aulas, a equipa da Avaliação Externa prepara um relatório, que se constituirá como um ponto de partida para a elaboração de um plano de melhoria, visando fortalecer as valências da Instituição e superar alguns constrangimentos em áreas específicas do trabalho pedagógico.

Neste momento, em que se esboça o novo projeto educativo para o próximo triénio, a avaliação externa vem ao encontro da avaliação interna (autoavaliação) encetada pela Escola e lança os alicerces para novos projetos com vista a melhorar os resultados académicos, sobretudo nalgumas áreas como a Matemática, Físico-Química e Português, a reforçar o trabalho cooperativo entre docentes (pares pedagógicos) e os apoios pedagógicos, bem como a implementar projetos de aproximação das disciplinas científicas à realidade quotidiana dos alunos, entre outros.

É também nossa intenção que, gradualmente e cada vez mais, se integre no currículo conteúdos ligados à realidade moçambicana.

Estamos cientes de que este olhar externo sobre a nossa Escola funcionará como um espelho no qual nos revemos e a partir do qual posicionamos as nossas intenções, sempre com a missão de fortalecer as aprendizagens dos nossos alunos.

DIREÇÃO

Para ler nesta edição

- 4** **EDUCAÇÃO ESPECIAL** | As aventuras dos alunos da Sala de Ensino Estruturado da EPM-CELP na Barragem dos Pequenos Libombos
- 5** **ATIVIDADES** | Debate “Olhares sobre o Mundo” juntaram alunos de Filosofia do primeiro ciclo e do ensino secundário
- 6** **ATIVIDADES** | “Maningue Teatro” fechou época 2013/2014 e alunos do primeiro ciclo fizeram festa de arromba no final do ano letivo
- 7** **COOPERAÇÃO** | “Mabuko Ya Hina” e “Formiga Juju e o professor Mosquito” juntaram-se para comemorar Dia da Criança Africana
- 8** **DESTAQUE** | Sarau das Línguas 2014 da EPM-CELP voltou a lotar o Auditório Carlos Paredes
- 10** **ENTREVISTA** | Alice Feliciano, subdiretora da EPM-CELP, fala das vicissitudes de uma escola portuguesa no estrangeiro
- 12** **FORMAÇÃO** | Das virtudes das comunidades de aprendizagem de professores à expressividade da Pedagogia Orff
- 14** **NA PONTA DA LÍNGUA** | Aprecie a espontaneidade e liberdade literárias dos alunos da EPM-CELP
- 15** **PSICOLOGIA ESCOLAR** | Dizer “não” é também uma forma de amar e de educar os filhos e as crianças

PÁTIO DAS LARANJEIRAS | Revista bimestral da EPM-CELP | Ano XI - N.º 91 | Edição Mai/Jun 2014

Diretora Dina Trigo de Mira | **Editor Geral** António Faria Lopes | **Editor-Executivo** Fulgêncio Samo | **Redação** António Faria Lopes, Fulgêncio Samo e Margarida Vasconcelos | **Editores** Sara Teixeira (Educação Artística) | **Editores Gráficos** Ana Seruca | **Colaboradores redatoriais nesta edição** Gabriela Canastra, Luísa Antunes, Teresa Noronha, Ana Paula Relvas, Sandra Cosme, Ana Albasini, João Paulo Videira, Janaina Melo, Miguel Padrão (11.º A1), Francisca Rafoa (10.º C) e África Cuna (9.º D) | **Grafismo e Pré-Impressão** Ana Seruca, António Faria Lopes e Fulgêncio Samo | **Fotografia** Filipe Mabjaia, Firmino Mahumane e Ilton Ngoca | **Revisão** Graça Pinto e Ana Paula Relvas | **Impressão e Produção** Centro de Recursos Educativos | **Distribuição** Fulgêncio Samo (Coordenador)

PROPRIEDADE Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa, Av.ª do Palmar, 562 - Caixa Postal 2940 - Maputo - Moçambique. Telefone + 258 21 481 300 - Fax + 258 21 481 343

Sítio oficial na Internet: www.epmcelp.edu.mz | E-mail: patiodaslaranjeiras@epmcelp.edu.mz

EPM-CELP foi sujeita a avaliação

A Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) foi sujeita a uma avaliação externa realizada, entre 20 e 29 de maio último, por uma equipa da Inspeção-Geral da Educação e Ciência do Ministério da Educação de Portugal. O processo de avaliação, que coincidiu com o termo do ciclo de vigência do Projeto Educativo da EPM-CELP, incidiu sobre os domínios dos resultados escolares e sociais, da prestação do serviço educativo e da liderança e gestão verificados nos anos letivos de 2010/2011 a 2012/2013.

A avaliação externa visou, prioritariamente, "promover o progresso das aprendizagens e dos resultados dos alunos, identificando pontos fortes e áreas prioritárias para a melhoria do trabalho das escolas", de acordo com o preceituado no próprio quadro de referência divulgado pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência e lembrado, no decorrer da sessão de apresentação pública da nossa instituição, por João Nunes, chefe da Equipa Multidisciplinar da Educação Pré-Escolar e dos Ensinos Básico e Secundário que integrou a equipa de inspeção. Concretamente, a observação global centrou-se em domínios como a prestação do serviço



A equipa de inspetores juntou-se a professores e alunos na sessão de apresentação da Escola

educativo, a articulação curricular entre os ciclos de escolaridade, a monitorização e a avaliação interna, a comunicação, a liderança, gestão, a associação de estudantes e a contextualização do currículo.

No que diz respeito à área pedagógica, o processo avaliou a supervisão da prática letiva do pré-escolar ao ensino secundário, com particular incidência sobre as metodologias e diversificação das estratégias de ensino. A amostra abrangeu 34 tempos letivos de 45 minutos cada, diferentes grupos e turmas de todos os níveis de educação e de ensino, bem como discipli-

nas dos vários departamentos curriculares. Prestou, também, atenção à monitorização e avaliação do ensino e das aprendizagens no que se refere à diversificação das formas de avaliação e à eficácia das medidas de promoção do sucesso escolar.

No final do período de observação a equipa de inspetores apresentou, em sessão pública, um relatório preliminar que identificou os pontos fortes e fracos da instituição, os quais merecerão uma classificação no documento final a produzir num prazo de dois meses.

REPRESENTAÇÃO

EPM-CELP participou na Feira Internacional da Educação

A EPM-CELP participou na sexta edição da Feira Internacional da Educação, realizada entre 15 e 18 de maio, na Praça da Independência, da cidade de Maputo. Subordinada ao tema "Educação de Qualidade para um Desenvolvimento Sustentável", o evento contou com a presença de instituições de formação e de investigação, nacionais e estrangeiras, bem como de editoras e empresas com o objetivo de constituir uma mostra das oportunidades de formação académica e profissional existente para os nossos jovens.

A participação da EPM-CELP consistiu na divulgação da sua oferta educativa, do trabalho que executa na área da cooperação com Moçambique e dos projetos no âmbito da difusão da Língua Portuguesa.

PUBLICAÇÕES

Contos, peças de teatro e poesia "encaixados" na Coleção Acácia

No Dia Mundial da Criança, celebrado a 1 de junho, a EPM-CELP publicou a oitava caixa da "Coleção Acácia", que inclui quatro livrinhos, de vários géneros literários, escritos por diferentes autores de língua portuguesa.

A publicação, dedicada exclusivamente aos mais jovens, reúne as peças de teatro "A Caçada Real", do angolano Zetho Gonçalves, e "Colmeiópolis, um Dia na Colmeia", do português Paulo José Miranda. Contempla, também, o livro de contos "A História de um chapéu e outros contos", de Sílvia Alves, e as obras "Poesia a Gente Inventa" e "Dia Brinquedo", do brasileiro Fernando Paixão.

No lançamento, os alunos da turma C do 12.º ano leram, para os colegas do



quarto ano do ensino básico, poemas e contos inseridos na caixa, seguindo-se uma sessão de diálogo com o desenhador gráfico e ilustrador da publicação. No final, todos os alunos do quarto ano receberam a caixa da Coleção Acácia.



Inolvidável jornada nos Libombos

Entre 13 e 15 de junho, os alunos da Sala de Ensino Estruturado da Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), embarcaram numa aventura rumo à Barragem dos Pequenos Libombos, organizada pela coordenadora de Educação Especial, Gabriela Canastra, e respetiva equipa de técnicos, tendo contado com a preciosa colaboração das docentes Margarida Abrantes, Gisela Gaspar, Isaac Maússe e, ainda, da nossa psicóloga, Alexandra Melo, que têm trabalhado regularmente com os nossos alunos. Esteve igualmente presente nos Libombos a diretora da EPM-CELP, Dina Trigo de Mira.

A jornada de três dias foi intensa e repleta de atividades, como a “caça ao tesouro”, danças, jogos tradicionais, passagem de modelos, brincadeiras na piscina e a própria visita à barragem. Os alunos tiveram, igualmente, oportunidade para auxiliarem os adultos nas tarefas diárias, como a preparação das refeições, o colocar e o levantar os pratos na mesa das refeições ou até mesmo na lavagem da loiça. Uma rotina vivida sempre com muita alegria e sorrisos. Todos participaram, mesmo os menos experientes nestas tarefas domésticas.

No último dia, sob a orientação da equipa de trabalho do ensino estruturado, os alunos surpreenderam os pais, que se juntaram à aventura, oferecendo-lhes um almoço de confraternização que serviu para as famílias se conhecerem melhor e também estreitar laços com os técnicos que diariamente acompanham os alunos do ensino estruturado na EPM-CELP.

Após o almoço, os alunos apresentaram, ainda, duas peças de teatro, fizeram uma passagem de modelos e cantaram

duas músicas: “A Paz” e a “Cinderela”. Os pais mostraram-se orgulhosos pelo fato de verem os seus filhotes a cantar, dançar e apresentar a “Festa dos Papás”, o que me trouxe ao pensamento uma frase de Man-toan que me é muito querida: “A escola

tem que ser esse lugar em que as crianças têm a oportunidade de ser elas mesmas e onde as diferenças não são escondidas, mas destacadas.”

GABRIELA CANASTRA
Núcleo de Ensino Especial

TESTEMUNHO | Desprendemos o sonho!

Era uma vez um desejo, um Sonho de ser mãe... Fruto de um amor, de uma relação forte e cúmplice, é um filho especial que nasceu a precisar de muitos rostos amigos, para além dos pais. O Sonho cresce e o Apoio Especial também aparece, na pré-escola e, posteriormente, no 1.º ano.

Uma reviravolta, uma proposta de trabalho em Maputo, uma viagem, uma aventura, outro país... e agora? O desconhecido.

Somos muito bem recebidos pela professora do 2.º ano na EPM e, posteriormente, conhecemos uma equipa disposta a continuar o trabalho, na sala de Ensino Estruturado, com o nosso filho. Aceitámos prontamente.

A cumplicidade agora é outra, cresceu, é de pura confiança! Afinal só com ela é que se alimentam as relações e a nossa não podia ser maior.

Já no fim do 3.º ano uma reunião sobre uma visita, um fim-de-semana com a Equipa e nas nossas cabeças uma pergunta: “sem pais?” Sim, “sem pais” é a resposta! Afinal, se confiamos o nosso Sonho durante toda a semana, porque não num fim-de-semana diferente?

Preparativos, conversas e expectativas, compras, mochilas e recomendações.

Sexta-feira, a partida e “boa viagem”, fica a promessa de ir buscá-lo no domingo.

Finalmente domingo! Conhecemos os pais dos outros alunos, toda a Equipa e todos sorridentes! O nosso Sonho lá estava, radiante com a nossa chegada acenou freneticamente à passagem do carro. Estavam a ser entregues prémios e os meninos mostraram trabalhos plásticos aos papás e amigos e à Diretora, Drª Dina, também presente nesta Festa convívio. Ajudámos a pôr a mesa e, num ambiente familiar, partilhámos, ao ar livre, o almoço. Que bem que soube, pela companhia, pelo lugar escolhido (Pequenos Libombos), por tudo!

Depois a surpresa: “Só o amor muda o que já se fez e a força da Paz junta todos outra vez venha já é hora de acender a chama da vida e fazer a Terra inteira feliz.”

Músicas, teatros e até passagem de modelos! Não podia ter sido melhor, não podíamos ter mais a agradecer, cada vez mais unidos, cada vez mais família... foi assim o fim-de-semana em que desprendemos o Sonho e o deixámos crescer!!!!

Obrigada Equipa de Ensino Estruturado.

NÁDIA REIS DIAS
Encarregada de Educação

SOLIDARIEDADE

Professores doaram material escolar à Cidadela

Durante a tarde de 20 de junho, uma equipa de professores da EPM-CELP deslocou-se à Cidadela das Crianças, da Federação Internacional Humana People to People, onde ofereceram materiais escolares destinados a crianças desfavorecidas, estudantes e residentes naquele estabelecimento de ensino, situado no bairro Costa do Sol.

A cerimónia de entrega dos bens foi animada por um grupo de alunos da Cidadela, que surpreendeu os visitantes com a interpretação de poemas de Fernando Pessoa, dos livros “Poesia a Gente Inventar” e “Dia Brinquedo”, que constituem o volume da oitava caixa da mais recente edição da Coleção Acácia, da EPM-CELP. Ensaçados



pela atriz Lucrécia Paco e pelo professor Alberto, estes artistas surpreenderam ainda com danças tradicionais moçambicanas.

Viveu-se, assim, um momento de aprendizagem, alegria, solidariedade e confraternização. O mote para o futuro é repetir!

DEBATE



Miúdos e graúdos cruzam “Olhares sobre o Mundo”

Alunos de Filosofia do primeiro ciclo e do ensino secundário, professores e encarregados de educação participaram num debate, a 26 de junho último, no Auditório Carlos Paredes, subordinado ao tema “Olhares Sobre o Mundo”. O evento uniu pequenos grandes num diálogo investigativo sobre a importância do conhecimento humano, discutido a partir das relações entre a ciência, a filosofia e a religião.

Para os “pequenos filósofos” serviu de pretexto de reflexão uma dramatização protagonizada pelos alunos do quarto ano sobre diferentes visões do mundo encarnadas em vários personagens, como o cientista, a bruxa, o filósofo, o palhaço e o artista. A grande perplexidade consistiu em equacionar a fonte de verdade nas interações entre diferentes domínios do saber, que se cruzam na incessante busca de respostas às questões com que se debate o ser humano.

Os alunos do ensino secundário, tomando como ponto de partida a evolução histórico-social da ciência, mostraram como todo o conhecimento científico mergulha nas reflexões dos primeiros filósofos da antiguidade clássica. Ficou demonstrada, assim, a importância da Filosofia, como mãe de todas as ciências, bem como atividade racional e crítica sempre presente na vida humana. O filósofo espanta-se com a realidade e dessa atitude (de querer saber mais) brotam questões que conduzem à ciência e, por vezes, à religião.

Ciência, filosofia e religião são, pois, três dimensões do conhecimento humano que procuram responder às inquirições de todo o ser humano. Olhar o mundo implica questionar, mesmo que esse questionamento dê origem a diferentes “olhares”.

COMPETIÇÃO

“Quiz de História” consolidou aprendizagens

Os alunos da turma C do 12º ano organizaram para os colegas do nono ano um “Quiz de História” que ficou associado às celebrações do Dia Mundial do Trabalhador, assinalado a 1 de maio.

A iniciativa, que teve lugar no Auditório Carlos Paredes, suscitou muita animação e entusiasmo dos alunos, propiciando um espaço lúdico que serviu para a consolidação e testagem dos conhecimentos adquiridos. A atividade desenvolveu-se em duas etapas, a primeira foi a aplicação do quiz, em várias turmas, onde foram apurados os respetivos grupos representantes, ficando a segunda etapa destinada à seleção dos vencedores.



Maningue Teatro fechou 2013/2014

João e Maria" e "A Menina dos fósforos" foram os contos infantis que inspiraram as apresentações públicas de encerramento das atividades do ano letivo 2013/2014 do grupo Maningue Teatro da EPM-CELP, ocorridas na primeira semana de junho nas nossas instalações.

Na primeira apresentação, no átrio principal, participaram os alunos dos quinto e sexto anos de escolaridade e na segunda, desdobrada em duas sessões no Auditório Carlos Paredes, os dos terceiro e quarto anos do primeiro ciclo, precisamente os dois grupos que trabalharam na companhia estudantil de teatro ao longo do ano escolar que agora finda.

Salienta-se, no primeiro espetáculo, a grande surpresa que consistiu a participação especial do grupo de alunos de teatro da Cidadela da Ajuda de Povo para Povo, com a apresentação da peça "Os Munganos", encenada pela atriz e embaixadora da Educação para Todos, Lucrécia Paco.

A metodologia de trabalho do grupo Maningue Teatro, constituído por 45 alunos, consistiu na organização de duas oficinas de trabalho, uma dirigida aos terceiro e quarto anos e a outra aos quinto e sexto anos de escolaridade, cada uma desenvolvendo 90 minutos de trabalho semanal ao



longo do ano letivo. Nesta atividade de complemento curricular promoveu-se o espírito de trabalho em grupo, a solidariedade, a autonomia e a criatividade. Neste âmbito os encontros semanais foram, gradualmente, perscrutando estas metas, com jogos e desafios narrativos, convívio e criação de sequências narrativas que resultaram, no último período escolar, em "releituras" dos citados contos.

Os alunos aprenderam as noções básicas da produção de eventos culturais, pois desenharam o cartaz, escolheram o

melhor espaço da escola para o afixar, entregaram os seus convites, escolheram os adereços para as personagens que eles próprios inventaram, de acordo com a matriz selecionada *a priori*, construíram os seus diálogos, apresentando com alegria o trabalho da sua autoria. Um exemplo dos desafios propostos foi a discussão da preservação e manutenção do espaço de trabalho, criando um conjunto de orientações e procedimentos para "saber estar" no Auditório Carlos Paredes, resultando a peça "O monólogo do Auditório".

Festa do 1.º Ciclo foi de arromba



Os alunos do primeiro ciclo da EPM-CELP selaram o final de mais um ano letivo com a realização da tradicional festa, na manhã de 12 de junho.

Na primeira parte do espetáculo coube a apresentação de danças e canções por grupos de alunos de cada um dos anos escolares do primeiro ciclo para gáudio dos colegas e encarregados de educação. Na segunda parte os alunos assistiram à atuação do grupo de dança da Cidadela das Crianças, um estabelecimento de ensino situado no bairro da Costa do Sol. Os dançarinos animaram o palco com danças tradicionais moçambicanas, designadamente a marrabenta. Seguiu-se a atuação dos Timbila Muzimba, cuja boa disposição contagiou os alunos.

A terminar, a cantora moçambicana Tânia Tomé, também encarregada de educação, interpretou quatro temas que cativaram a atenção das crianças. Os professores aproveitaram a ocasião para felicitar os seus alunos pelo magnífico desempenho, agradecendo aos artistas que, de forma indelével, contribuíram para uma festa memorável.

Concurso de soletração reforça vocabulário

Durante os dias 3 e 4 de junho, os alunos dos quinto e sexto anos da EPM-CELP reuniram-se no Auditório Carlos Paredes para um concurso de soletração, que serviu para ampliar o vocabulário e valorizar os estudos de ortografia, ortoépia e prosódia em Português e Inglês, numa iniciativa que também foi útil para a abordagem do novo acordo ortográfico.

O concurso envolveu 36 alunos equitativamente distribuídos pelos dois anos de escolaridade, apurando-se três por turma para acesso à fase final. A classificação final foi a seguinte: 1.ºs - Pablo Libombo (5.º A) e Daniel Fernandes (6.º A); 2.ºs - Hugo Nascimento (5.º F), Félix Júnior (5.º C) e Bianca Revés (6.º E); 3.º - Pedro Martins (6.º A).

Os vencedores foram premiados com coleções de livros e outros brindes, numa jornada caracterizada pela boa disposição e sã convivência competitiva.

Quando a criança africana é rainha

O projeto “Mabuko Ya Hina” (Os Nossos Livros) celebrou, mais uma vez, o Dia da Criança Africana, desta feita em parceria com o Movimento Cívico Formiga Juju. A 16 de junho, a Formiga Juju e o Professor Moskito, dois personagens que intitulam uma narrativa histórica, reuniram e animaram, no parrôt dos matraquilhos da EPM-CELP, os nossos alunos do pré-escolar e os da Escola Comunitária Rainha da Paz e da Escola Primária Completa Matchik Tchik, ambas do sistema de ensino moçambicano, para, juntos, ouvirem a história contada pela autora do livro, Cristiana Pereira.

A obra “A Formiga Juju e o Professor Moskito” relata o ataque das tropas da Rainha Anopheles à Cidade das Papaías, onde deixaram as formiguinhas habitantes daquele local muito doentes: com febre, vômitos e dores. “Juju e Moskito” interagiram com os alunos e juntos disseram “não” à destrutiva doença trazida por Anopheles à aldeia das formiguinhas. Depois, trajados a condizer com o Dia da Criança Africana, os alunos da Escola Completa Rainha da Paz abrilhantaram a festa com a tradicional e maravilhosa dança da mar-



rabenta. Quem quis levar a Formiga Juju e o Professor Moskito para casa teve a oportunidade de comprar o livro, vendido e autografado pela autora no local.

A “formiguinha” Cristiana Pereira ofereceu ao projeto “Mabuko Ya Hina” livros da coleção Formiga Juju, que enriquecem as maletas de leitura e a própria EPM-CELP. Em resposta, esta ofertou algumas das suas publicações para apetrechar os “tchovas da formiga Juju”, os carrinhos

manuals utilizados para transportar livros para os diferentes destinos de animação da leitura nas comunidades suburbanas da cidade de Maputo.

A assinatura de um protocolo de parceria entre a EPM-CELP e o Movimento Cívico Formiga Juju encerrou com chave de ouro as celebrações, que ficaram marcadas por este acordo cujo objetivo é o desenvolvimento de atividades conjuntas em prol do livro e da leitura.

Angola e África do Sul presentes na comemoração do Dia de África



Comunicações sobre a língua, a história, a música, a dança e os usos e costumes de Angola e da África do Sul marcaram as celebrações do Dia de África organizadas pelo “Mabuko Ya Hina” a 23 de maio, no Auditório Carlos Paredes.

Participaram nas comemorações o cônsul de Angola em Moçambique, Fortunato Tomé, os representantes da embaixada angolana Higino Piedade e Cândida

Bambi, e Marvin Lawack em representação da embaixada da África do Sul, para além, naturalmente, de alunos e professores da EPM-CELP.

A oferta de lembranças a todos os presentes, pela embaixada da África do Sul, enriqueceu o encontro de culturas, que atingiu o rubro quando, de Angola, surgiu o som da tradicional e conhecida “Kizomba”, que pôs todos a dançar.

“Mabuko Ya Hina” promoveu concurso literário em escola moçambicana

O projeto “Mabuko ya Hina” (Os Nossos Livros) promoveu, em junho último, um concurso literário destinado a um grupo de alunos da sétima classe da Escola Primária Completa Polana Caniço A.

Os trabalhos foram avaliados por um júri composto pelos docentes João Paulo Videira, Luísa Antunes e Teresa Noronha, da EPM-CELP, que selecionou um grupo de seis alunos para participar numa oficina de escrita criativa, agendada para os últimos três meses do corrente ano sob a orientação das professoras Ana Albasini, Estela Pinheiro e Teresa Noronha. Nesta primeira oficina os alunos selecionados melhorarão os seus próprios textos e a obra vencedora será publicada pelo Centro de Formação e Difusão da Língua Portuguesa. Esta iniciativa será estendida a todas as escolas públicas e comunitárias do sistema de ensino de Moçambique integradas na Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal.

Do imprevisto circunstancial ao planeamento pedagógico

A edição 2014 do **Sarau das Línguas** da EPM-CELP selou mais um ano de aprendizagem e utilização criativa das línguas através da poesia, teatro, música e dança dramatizadas no excelente espetáculo que lotou, mais uma vez, o Auditório Carlos Paredes, a 6 de junho último.



Por JOÃO PAULO VIDEIRA

O Sarau das Línguas não é um Sarau. É uma via sacra da Educação, da Pedagogia e até da Didática. É uma atividade cuja preparação começa imediatamente após o final da anterior.

Em cada ano se faz um balanço, uma análise da pertinência da temática, dos números escolhidos, do que tudo isso trouxe como mais-valia educativa para os alunos, os encarregados de educação, os professores e a comunidade educativa em geral. E nesse balanço começa a desenhar-se o próximo Sarau. Nasce as equipas de trabalho, os responsáveis pelas tarefas específicas. Material de divulgação, guião do espetáculo, angariação e condução de alunos. Ao longo do ano letivo seguinte cada um tratará de ir escolhendo candidatos ao Sarau. Entretanto, em reuniões que entram pela noite dentro ou gastam manhãs de sábado, define-se a temática central, os pormenores

de cenário e começa-se a estruturar a sequência do evento.

Enquanto aprendem Português, Inglês e Francês, os alunos, sob a orientação dos docentes, vão capitalizando aprendizagens e competências e conduzindo-as no sentido de comporem um número que possa figurar no Sarau. A didática deixa de ser um fim em si mesma e passa a ser aquilo que nunca deveria ter deixado de ser: um veículo para a construção de cidadãos com sentido crítico e espírito de participação e intervenção social. E ensaiam esses números entre si, com alguma orientação de um professor, mas ainda longínqua.

No terceiro período, o processo acelera-se e precipita-se. Marcam-se as audições onde se selecionam aqueles que os docentes consideram mais aptos e que mais servem a temática e a estrutura do espetáculo. Procura-se o equilíbrio entre tipos de número, como sejam a dança, o canto, o teatro, a apresentação multimédia e a quantidade a apresentar em Por-

tuguês, em Francês e em Inglês. Uma vez feita esta selecção, marcam-se os ensaios e o guião começa a ser produzido, contacta-se o Centro de Recursos Educativos e inicia-se a selecção e tratamento de ficheiros vídeo, áudio e todos os materiais gráficos, a saber, convites, cartazes e programas. Nesta fase, o Sarau ocupa muito tempo nas nossas vidas profissionais e pessoais. Contactam-se os colegas de Música e de Educação Visual e entra-se num trabalho de parceria e transversalidade em ordem a aprimorar a vertente artística dos números e a executar o que se idealizou para o cenário do espetáculo. Os professores estão agora a ensaiar de perto, com instruções precisas de execução de cada número, cada gesto, cada fala, cada entoação, cada movimento. E chega o dia do ensaio geral, e há que gerir transportes, há que gerir as autorizações dos encarregados de educação para o efeito e todos cumprem as suas funções e quando um de nós não pode ou não consegue, outro surge no seu lugar e exe-

Houve quem notasse...

A sala tem 180 pessoas. Está repleta. Todas as cadeiras estão ocupadas e há, mesmo, gente de pé pelas escadarias laterais.

O primeiro número foi fabuloso. Nunca nos ensaios estivera tão perfeito. Para o segundo fluiu-se com destreza. Quase não se notou a passagem. Cá em cima, a coadjuvar o Ílton, sabia que era necessário ir colocar os dois microfones de pé à boca de cena. Vinham as meninas cantar e esperavam que eles estivessem já à espera delas quando a cortina abrisse. Desço a escadaria. Mais ou menos subtil, pego nos pés dos microfones, subo ao palco, monto os suportes tranquilamente, coloco o primeiro microfone e quando vou para colocar o segundo, a Izabel sussurra-me qualquer coisa e bate-se-me um alerta na mente: não era agora! As meninas não estão atrás da cortina. Elas são a seguir. Atrás da cortina deve estar a Luísa com dois alunos e um consultório médico. Não sei bem o que fazer. Hesito. A Paula, do camarim, sussurra para a Luísa: “Abre a cortina e fala com ele”. Ela afastou a cortina, colocou só a cabeça de fora, 180 pessoas estavam a vê-la e o diálogo vai parecer ensaiado mas foi o mais puro improviso circunstancial para nos safar naquele momento. Um evento desta dimensão na comunidade não pode ficar refém de um lapso:

- Boa noite, o que está o senhor aqui a fazer?
- Boa noite, Dr.^a Estou a estorvar?
- É claro que está a estorvar. Eu tenho uma consulta para dar.
- Ó Dr.^a eu vim só montar os microfones, não me diga que estou a empatar.
- Ó homem vá-se embora!
- Ai ó Dr.^a, peço imensa desculpa.

E saio de palco com um ar visível e propositadamente embaraçado. A transição fora perfeita. Mereceu risos e aplausos e houve quem não notasse o improviso e houve quem o tenha notado, mas aceite como isso mesmo, parte do espetáculo. E ninguém, à exceção dos meus colegas de Departamento, sonhava, sequer, com o enorme esforço que tudo aquilo representava, com o volume de recursos envolvidos, professores, funcionários, alunos, encarregados de educação, e toda uma parafarnália de recursos materiais que vão desde a simples fotocópia até à complexa mesa de mistura.

cuta. Porque sim. Há um bem maior. Nesta fase, o cruzamento entre as aprendizagens e a execução do Sarau das Línguas está no auge. É agora que se vê que ensinar não é só para os exames, é agora que se vê que ensinar é muito mais do que isso.

Chegou o dia. Outros colegas vêm ajudar. É preciso que os meninos e as meninas coloquem os últimos adereços, as últimas pinturas, os microfones de lapela e os outros e todos somos poucos. Os convidados entraram e sentaram-se, a valsa arrebatou a assistência, os números deslizaram, suaves, os oito apresentadores, comensais no 800.^o aniversário da Língua Portuguesa, dizem as suas falas, erguem copos, olham o palco onde os colegas deslizam, riem, choram, cantam, dançam, se realizam enquanto alunos, jovens, seres humanos em crescimento e formação de carácter. E nada os parará. E não de dizer bem, dançar bem, cantar bem. E não de improvisar que a vida também é isso. E nós, professores, que tanto

nos queixámos das centenas de horas extra, das noites mal passadas a preparar tudo isto em cima do nosso, já de si, extenuante trabalho, já temos saudades. Eles partem. Seguem para o mundo.

E nós vamos jantar juntos. Trocamos as primeiras impressões, preocupados se correu bem. E afinal, isso não interessava nada. Poderia até ter corrido mal. O que importa, realmente, é o processo de crescimento, de formação de carácter. O que importa é o durante. Mas foi bonito, sim. É sempre bonito. E eles partem.

E nós ficamos. Sós. Entre a tentação de reter para sempre aqueles momentos e a inevitabilidade de seguir em frente. No dia seguinte sorrimos uns aos outros. Só nós e os miúdos sabemos o significado real do que acontecera no dia anterior. Jogaram-se as nossas vidas. Foi só trabalho. E não pode ter sido só trabalho. Foi vida. Timidamente, como quem se ergue da ressaca de ter-se concluído um processo tão extenuante quanto maravilhoso, alguém arrisca: “Para o ano podíamos...”





ALICE FELICIANO
Subdiretora da EPM-CELP

Fazer a diferença na sala de aula

Alice Feliciano é subdiretora da EPM-CELP para a área pedagógica, mas prepara-se para deixar o cargo no final do ano letivo. Em jeito de balanço procura realçar, na entrevista que nos concedeu, os aspetos mais relevantes da gestão pedagógica de um estabelecimento de ensino de matriz portuguesa que atua no estrangeiro em ambiente multicultural.

Entrevista conduzida por FULGÊNCIO SAMO

Como veio parar a Moçambique?

A minha vinda envolve a família: em 1993 o meu marido veio para Moçambique no âmbito de uma missão militar, na qual trabalhou durante cerca de um ano. Apaixonou-se por Moçambique nessa altura, depois regressou a Portugal e, cerca de um ano depois, pediu uma licença sem vencimento e veio para este país. Eu cresci em Luanda entre os cinco e os 15 anos. Vim a Moçambique pela primeira vez em 1996 e nos quatro anos seguintes vim periodicamente em visita de férias. Finalmente em 1999 vim para trabalhar na área da educação.

Apaixonou-se por Moçambique?

Aceito! Já estou em Moçambique há 12 anos e meio, repartidos entre dois períodos mais ou menos iguais de seis anos. Porque tenho família que é apaixonada por Moçambique acho que se trata, por conseguinte, de partilhar um bocadinho esta paixão.

É fácil viver em Moçambique?

Não é difícil, mas Portugal faz-me falta! Digo mais: tenho uma vida repartida. Tenho uma vida repartida, não pesando nem num lado nem no outro.

Como perspetiva a sua vida futura entre as duas moradas?

A minha vida profissional tem base em Portugal e não tenho qualquer tipo de in-

tenção de me transferir definitivamente para Moçambique. É por isso que digo ter uma vida repartida! Estarei cá enquanto as condições o proporcionarem e, não se justificando, regressarei naturalmente. Profissionalmente sou docente do quadro em Portugal e pretendo continuar a sê-lo.

Como é gerir o ensino numa escola multicultural?

A multiculturalidade não se vive só aqui. Em Portugal as escolas também são, cada vez mais, multiculturais. A escola de onde sou originária também tem muita gente de outros países, sobretudo da Europa do Leste. Na EPM-CELP cerca de metade dos alunos são portugueses e a outra metade moçambicanos, uma vez que o número de alunos de outras nacionalidades

é bastante reduzido. Bebemos muito da cultura uns dos outros, partilhamos muitas vivências e, por isso, não sinto que seja uma coisa completamente nova ou diferente. Ou então sinto-me muito em casa.

Como encara deixar o cargo atual?

Já precisava de regressar para a sala de aula. Há algum tempo que eu pedia uma turma, mas as exigências do cargo implicavam outra exigência maior que não se coadunava com o exercício da docência. Penso que me sinto realizada na sala de aula. Entendo que o trabalho na sala de aula faz a diferença na produtividade de uma escola. Embora seja extraordinariamente importante o trabalho de gestão, que organiza o funcionamento de uma escola, sinto a necessidade de interagir diretamente com os alunos.

Comparativamente às experiências anteriores, como foi o exercício das suas funções na EPM-CELP?

Estive na direção da Escola Verney, um estabelecimento de ensino moçambicano de direito privado com currículo português, que já não existe. A "Verney" tinha as mesmas valências que a EPM-CELP, com alunos do Pré-Escolar até o 12.º ano. Era uma escola pequena, com cerca de 300 alunos. Embora os problemas fossem os mesmos, a escala era reduzida. Deixou-me saudades. A EPM-CELP é mais complexa, tem cerca de 1600 alunos, com tudo o que implica, e possui outras valências, sendo também um símbolo, uma imagem de Portugal em Moçambique.

Quais as suas realizações na EPM-CELP?

Procurei cumprir aquilo que foi projetado. Alinhada com as ideias da Direção, procurei implementar aquilo que eu pensava do ensino: a responsabilização do trabalho docente na sala de aula, uma vez que acredito que é no trabalho lá feito que reside toda a diferença.

Responder pela área pedagógica de uma escola portuguesa no estrangeiro é um desafio com particularidades?

Há alguma carga burocrática a cumprir, mas não me parece que seja muito diferente de Portugal. A EPM-CELP terá algum trabalho adicional porque tem outras valências, como os centros de formação e de recursos, que funcionam com alguma peculiaridade. É uma escola integrada, com todos os ciclos desde o pré-escolar, o que, por um lado, pode ser facilitador, comparando com os agrupamentos de escolas de Portugal que se encontram fisicamente separadas. Por outro lado, pode implicar dificuldades de gestão de alunos de vários níveis etários a partilhar o mesmo espaço, com vivências e necessidades diferentes. A particularidade é a necessária integra-

ção no currículo de saberes e experiências do espaço sócio geográfico em que nos situamos, de modo mais formal ou informal, tornando a passagem por esta escola uma experiência especialmente enriquecedora para alunos e professores.

Como é gerir interações entre alunos, docentes e encarregados de educação?

Exige uma sensibilidade apurada e uma gestão quotidiana complexa, tornando cada dia diferente. Às vezes tratamos de situações que são mais de carácter social e exteriores ao que é o papel específico da escola, quer com os alunos quer com os encarregados de educação, mas que se refletem na escola. Muitos problemas resultam de alguma dificuldade de integração inicial no país, como é o caso de alguns alunos transferidos contra a sua vontade e para uma realidade social diferente. Embora seja verdade que a escola recebe todos os alunos muito bem, auxiliando a sua integração, esta depende muito da vontade deles. Mas, são histórias que normalmente acabam bem!

E particularmente a interação docente-aluno?

Os nossos professores têm, indiscutivelmente, grande disponibilidade para os alunos. São pessoas extraordinariamente abertas para ouvir e encontrar soluções para os problemas. Todos contribuem para a busca de soluções e é nisto que penso que esta escola é especial.

Que mensagem para o seu sucessor?

Aposta no trabalho na sala de aula, ou seja, insistir na ideia de que a diferença está efetivamente no que se faz com os alunos. Isto tem a ver com a individualidade de cada professor. Contudo, o sucesso de uma escola passa pelo trabalho que cada professor realiza na sala.

A pressão burocrática não limita o exercício docente?

As questões mais burocráticas e administrativas deviam permitir que todo o trabalho se centrasse mais na produção pedagógica. O trabalho do professor deve estar, fundamentalmente, centrado na preparação das atividades letivas.

A escola tem autonomia para criar condições favoráveis a uma atuação nesse sentido?

Quando se é docente não se tem uma grande ideia do que se passa do lado da gestão, onde se ganha, naturalmente, uma perceção alargada da escola. Mas é necessário que caminhe no sentido de simplificar o trabalho mais burocrático.

E o "monstro" dos exames?

Não sou contra os exames. Alguns programas não têm justificação para serem tão



PERFIL

Maria Alice Feliciano
Subdiretora da EPM-CELP

Naturalidade

Lisboa (Portugal)

Idade

54 anos (4 de agosto)

Habilitações académicas

Licenciada em Direito e profissionalização em ensino para o Grupo Disciplinar de Economia

Experiência profissional

Cursos regulares, científicos e profissionais por módulos e unidades capitalizáveis, em Portugal

Docente e directora pedagógica da Escola Verney entre 1999-2003

Docente e coordenadora de projetos do ensino secundário e do secretariado de exames na EPM-CELP, entre 2003 e 2005

Interesses

Viagens, leitura, informação, conhecimento, caminhada e voluntariado

Lema pessoal

A liberdade encontra-se no conhecimento e na conduta coerente.

pesados. Devia-se, talvez, investir mais num trabalho consistente e cuidadoso em relação ao que é fundamental em vez de usar programas muito extensos que não permitem consolidar aprendizagens. Uma redução forneceria espaço para outras atividades ligadas à aquisição de competências. Talvez houvesse maior ganho. No exame os alunos podem mostrar as competências que desenvolveram. E não se trata de trabalhar especificamente para o exame no final do ano.

Como avalia o corpo docente da EPM-CELP?

É um corpo docente competente, empenhado, orientado para as soluções, atento e disponível. A contratação de professores cria, às vezes, alguns problemas, pela morosidade dos processos tendo em conta valências que obrigam à sua contratação em Portugal, o que gera, por vezes, sobrecargas temporárias de alguns docentes.

Comunidades de aprendizagem autorresponsabilizam professor

A “Construção de Comunidades de Aprendizagem de Professores” foi o tema do seminário realizado na EPM-CELP na manhã de 13 de maio último, dinamizado por Marcos Onofre. Participaram na ação de formação os coordenadores dos diversos departamentos curriculares, os representantes de disciplina e vários outros docentes da nossa escola.

Na reflexão conjunta considerou-se que a qualidade do ensino está associada à dos professores e esta à sua formação inicial e ao seu desenvolvimento profissional contínuo. Valorizou-se os espaços “(in)formais” nos quais se reconhece a socialização antecipatória, ou seja, a experiência que o docente tem enquanto filho e aluno, a formação inicial que possibilita experiências positivas, apesar da sua pobreza em termos de prática pedagógica e de estágio. Valorizou-se, igualmente, a formação contínua, que permite experiências de ensino e de interação com os colegas e os alunos.

Os modelos “tradicionais” de formação de professores têm-se revelado pouco eficazes, pois não promovem o envolvimento dos formandos, concentrando-se as ações num tempo esporádico, muitas vezes sem ligação à realidade das escolas e sem acompanhamento do seu desenvolvimento subsequente.

Segundo o organismo internacional OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico), o investimento na formação contínua de professores é mais importante do que na formação inicial. Os professores, por seu turno, reconhecem, massivamente, a importância da



aprendizagem realizada a partir da sua experiência direta no trabalho e valorizam altamente as aprendizagens informais que efetuam com os seus pares.

A criação de comunidades práticas de aprendizagem é uma estratégia para melhorar a qualidade da formação contínua de professores, na medida em que é uma forma de os envolver diretamente na gestão do seu próprio desenvolvimento profissional, de modo ajustado à singularidade do seu quotidiano. Trata-se de um processo de aprendizagem coletiva e social que também decorre das experiências do dia a dia. Envolve interações, em que os participantes conhecem as perspetivas e modos de atuação dos outros, e dão a conhecer os seus; compreendem porque as coisas são feitas de uma determinada forma; constroem um conjunto de teorias

práticas de ensino e de aprendizagem nas quais baseiam o seu conhecimento; melhoram a sua capacidade de reflexão sobre a disciplina e a profissão; mostram disponibilidade para reconsiderar a sua prática; revelam disponibilidade para participar com a sua comunidade profissional na melhoria do programa da disciplina; disponibilizam-se para arriscar; refletem sobre os seus insucessos e partilham programas e práticas de sucesso, bem como expressam maior compromisso na salvaguarda do currículo.

Esta estratégia de formação, ao contrário dos modelos tradicionais, desenvolve nos professores capacidades para liderar processos de resolução de problemas que o ensino coloca e desenvolve neles uma nova imagem de si próprios como professores.

LER E CONTAR HISTÓRIAS

Formados docentes e bibliotecários da RBE

Professores e técnicos bibliotecários das escolas moçambicanas que integram o projeto de Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) tiveram 25 horas de formação sobre a arte de ler e contar histórias. Nesta iniciativa, que teve início a 30 de junho, na EPM-CELP, também participaram os membros de movimentos e associações dinamizadoras de projetos de incentivo à leitura em Moçambique.

A aprendizagem não formal da leitura e da escrita, a importância do livro como instrumento de tradução das várias expressões culturais do ser humano, o planeamento da leitura e o conto de histórias foram, entre outras, as reflexões dinamizadas pela professora Ana Albasini, responsável pela RBE em Moçambique.



COMUNICAÇÃO

Requalificação em técnicas comportamentais de comunicação

“Comportamento Profissional e Institucional” foi o tema da ação de formação, realizada entre 31 de maio e 14 de junho, ministrada pelo Centro de Formação da EPM-CELP que requalificou quase meia centena de assistentes operacionais da nossa Escola.

Ação, dinamizada por Cláudia Pires, teve como objetivos o desenvolvimento de competências relacionadas com as técnicas comportamentais de comunicação capazes de potenciar a ação profissional e a qualidade do serviço prestado; a aquisição de uma consciência da responsabilidade profissional e da importância de um papel



ativo na construção da imagem da EPM-CELP; a utilização da inteligência emocional enquanto fator potenciador de relações profícuas, do trabalho em equipa e da relação com diversos elementos da comunidade educativa.

A metodologia da formação partiu de uma avaliação prévia dos formandos relativamente a determinados critérios de desempenho profissional, medindo-se, no final da formação, o grau de mudança que a jornada produziu nos formandos.

As atividades decorreram de forma satisfatória, sendo o balanço positivo. De realçar que esta iniciativa constituiu também uma oportunidade para recolher as contribuições dos assistentes operacionais da EPM-CELP, tendo em vista a melhoria do funcionamento da instituição.

EDUCAÇÃO MUSICAL



Pedagogia Orff reconciliou expressões verbal e corporal

Destinada a professores de Educação Musical e docentes do pré-escolar e primeiro ciclo do ensino básico teve lugar entre 23 e 27 de junho, na EPM-CELP, a ação de formação “Pedagogia Musical”, dinamizada por Jos Wuytack e Graça Boal-Palheiros da Associação Wuytack de Pedagogia Musical do Porto (Portugal). O programa incluiu 25 horas de formação que incidiram nas várias componentes musicais, como o ritmo, melodia, timbre, formas, movimento, voz, audição ativa, pedagogia ativa e improvisação.

A metodologia da formação baseou-se na Pedagogia Orff da qual Wuytack é o último discípulo em vida. Trata-se de uma

metodologia que visa a integração da educação musical num sistema que integra as expressões verbal, musical e corporal desde a mais tenra idade. O ensino na escola Orff estimula a atividade e a criatividade musical das crianças, respondendo às suas necessidades de tocar um instrumento e participar numa composição musical para a qual todos trabalham na criação e estruturação de ideias.

A ação de formação também se alargou aos professores do sistema de ensino moçambicano que, em várias ocasiões, têm beneficiado das iniciativas de formação organizadas pelo Centro de Formação da EPM-CELP.

ILUSTRAÇÃO

Docentes de Educação Visual reforçaram competências em desenho e ilustração

Os professores de Educação Visual da EPM-CELP beneficiaram de 25 horas de formação na área do desenho e das técnicas de ilustração. A oficina, realizada no final de junho e dinamizada por Filipa Pontes, visou proporcionar experiências sobre a utilização de técnicas de ilustração no processo de materialização das ideias através do desenho.

A prática de exercícios permitiu a apropriação dos fundamentos básicos para a utilização do desenho como linguagem expressiva, com recurso às técnicas de ilustração. A formação decorreu em duas partes, a primeira dedicada ao estudo dos fundamentos do desenho e a segunda à ilustração, como técnica de expressão visual e à realização dos projetos individuais dos formandos.

Na ponta da língua

Espaço literário preenchido com textos livre e espontaneamente escritos por alunos da EPM-CELP

O ciclo da vida

Olho a gaveta, torpe e consternado
Pesa-me a escolha, de coração
passando o receoso olho enublado
escolho, ledo de ânsia, a definição

Incessantemente escrevino
desbravando a sensação
de repente porém adivinho
se me amesquinhar a ambição

Lividamente relanceio a folha
que grita amor, atroa coração
E logo se desfaz a escolha
de tentar versar esta noção

Como sequer ousei perguntas
ousar procurar a afeição
que apenas três letras juntas
atingem na perfeição

Mãe é mãe, mãe é tudo,
mãe é vida, mãe é o mundo
Um sorriso, um sonho carnudo
è a luz no escuro profundo

Nunca jamais a agrilhoarão
à encantadora jaula de domesticação
Que lhe montamos nas palavras
Prendendo-a à vã definição:

Cada um dará a sua
Todas transcenderá
No fundo, na essência nua
Mãe apenas Mãe será

MIGUEL PADRÃO
11.º A1

A viagem de Francisca

Viajar quer dizer descobrir um novo mundo, novas pessoas, novas culturas.

Quando alguém viaja pela primeira vez para um destino, este será sempre um marco na sua vida, será um lugar onde querera voltar. Talvez tenha sido isso que tenha acontecido a Sophia, talvez a sua primeira viagem tenha sido à Grécia e daí o desejo de lá voltar. Se Sophia se sentiu livre e com asas, como disse na carta que escreveu a Jorge Sena, quer dizer que aquele país a fez sentir com uma liberdade ("livre como um pássaro") que nunca antes sentira.

Pode dizer-se que ao viajarmos fazemos a descoberta do Outro. Mas que Outro? Será que só descobrimos um novo mundo, novas culturas? É claro que não, descobrimos também um pouco de nós mesmos. Por exemplo, eu, apesar de ainda ter uma vida curta, já viajei para muitos destinos, tais como Madrid, Sevilha, Barcelona, Paris, Londres e Maputo. Mas, de todas estas cidades, só três foram um verdadeiro marco na minha vida. O primeiro foi Sevilha, pois foi quando viajei com os meus amigos, "sem pais", e posso

dizer que me senti livre. Não no sentido de sair à noite, mas antes uma especial liberdade do espírito e da mente. O segundo foi quando fui a Londres ter com uma pessoa bastante minha amiga, aí não me senti tão livre como me tinha sentido em Sevilha, talvez por o país ter muitas pessoas ou mesmo por causa do meu estado de espírito. O terceiro foi Maputo, onde cheguei de braços abertos para uma nova vida, uma nova cultura, novos amigos, novas pessoas, isto tudo porque iria ficar aqui a morar. Infelizmente esta viagem é marcada por um regresso a Portugal. Já não vou ficar. Gostei, Moçambique é um país magnífico, onde vemos pessoas que já passaram e passam por tanto e, mesmo assim, continuam com um sorriso na cara. Espero um dia voltar cá, sinto-me bem aqui, é como se estivesse em casa.

Considero, por tudo isto, que em cada viagem descobrimos o Outro, que é, afinal, um pouco mais de nós.

FRANCISCA RAFOA
10.º C

O meu irmão

Nasceu a 21 de Junho de 2010. Foi o bebé mais lindo que, em algum momento, já vi, de olhos castanhos cor de mel e cabelos pretos como carvão, com a pele negra que caracteriza o homem africano e mostra o que somos.

Olhei aqueles olhos de criança, soube que ele seria um grande homem. Por mais que parecesse mentira, sorriu para mim, como se dissesse olá, e eu devolvi-lhe, gentilmente, aquele sorriso. Dias depois, por mais prematuro que ele tenha sido, lutou até poder sair do berçário. Ao chegarmos a casa ele abriu os olhos, feliz por estar no seu lar, junto da sua família que tanto o amou.

Após muito sacrifício na luta contra a hipertensão pulmonar (cardiopatia congénita), completou um ano de vida. Foi o dia mais feliz da minha

vida. Festejamos com muito amor e alegria.

Como diz o velho ditado, "tudo o que é bom acaba cedo" e assim aconteceu, a minha alegria acabou. A 2 de dezembro de 2011 o meu maninho, como carinhosamente o chamava, faleceu, ainda tão pequeno e bebé. Assim ele se foi sem, pelo menos, me dizer adeus. Mas que tamanha injustiça tiraram-me o bem mais precioso.

Conformar-me com a morte? Jamais, porque o amei demais. Meu mano, por mais que estejas longe de mim, sabes que estarás sempre vivo no meu coração, jamais te esquecerei, foste um dos maiores presentes que a vida, em algum momento, me deu.

ÁFRICA CUNA
9.º D

Dizer “não” é também uma forma de amar e educar os filhos

Um dos melhores ensinamento que se pode transmitir aos filhos é a tolerância à frustração, como forma de definir fronteiras e ajudar as crianças, jovens e adolescentes a viver em sociedade e a perceberem o mundo real, onde nem sempre a vida os poupará de tristezas e fracassos.

Nos meus encontros com pais de crianças com problemas de comportamento deparei-me, muitas vezes, com a dificuldade de alguns em dizer “não” aos filhos.

Todos os pais procuram ser os melhores do mundo. E, na verdade, todos somos os melhores pais do mundo, porque mesmo que cometamos erros a nossa intenção é sempre boa. Em cada momento as escolhas que fazemos e a forma como agimos estão de acordo com as nossas capacidades e as circunstâncias em que nos encontramos na vida.

O que não podemos esquecer é que podemos sempre aprender mais, melhorar, evoluir e corrigir os “erros” que cometemos. Para um pai, especialmente de primeira viagem, ouvir o filho ou a filha a chorar, a ficar triste ou zangado nunca é uma boa sensação. E, muitas vezes, julgando que estão a poupar os filhos de tristezas, acabam por permitir que eles façam o que querem, quando querem e como querem.

O que tento transmitir aos pais é que o melhor ensinamento que podemos dar aos nossos filhos é a tolerância à frustração. Esta é a resposta emocional quando não temos ou não vemos as nossas expectativas realizadas. A tolerância à frustração é a capacidade de aceitar as circunstâncias e enfrentá-las sem sofrimento e com uma atitude positiva. E isto é uma ferramenta essencial na educação dos nossos filhos. Impor limites é, na verdade, uma forma de amar, é definir fronteiras, é ensinar a viver em sociedade, é encaminhar os filhos para o mundo real.

A vida é cheia de alegrias, mas também de frustrações. É na família que se ensina a reconhecer os próprios limites e os dos outros que nos rodeiam. É onde se aprende a respeitar a nós mesmos e também os outros.



**“É na família,
num lugar seguro, com
as pessoas que nos
amam, que devemos
aprender a lidar com as
frustrações e com as
nossas emoções”**

Enfrentar o “não” e as frustrações é uma aprendizagem para a criança, ajudando-a a gerir os fracassos e as limitações da própria vida. É necessário ensinar a criança a ter calma, a tentar de novo quando a letra não sai como se quer, quando o trabalho que fizemos para a professora não recebe boa nota ou quando o colega não quer brincar connosco em determinado dia ou ocasião. Aprender e exercitar a tolerância ajuda a criança a perceber que o dia seguinte é sempre uma nova oportunidade, o sol nascerá de novo e teremos sempre uma nova ocasião para vencer.

Como ensinar e praticar a tolerância à frustração com os nossos filhos? Devemos ensiná-los, desde bebés, a esperar ou a aceitar que algo muito desejado pode não acontecer sempre. Quando dizemos “não” a algo, não devemos, posteriormente, mudar para o “sim”. Se disse “não” já não muda, caso contrário, na mente da criança, o “não” pode mudar e isso poderá levá-la a que ela tente obter o que deseja recorrendo às “birras”.

Uma educação permissiva leva as crianças a sofrerem muito mais, pois gera frustrações e conflitos internos, bem como problemas no relacionamento com os outros. As outras crianças não gostam de crianças mimadas e egocêntricas, acabando sempre por excluir os amigos que não as respeitam.

A aprendizagem da tolerância à frustração exige tempo e treino constante, mas vale a pena ver os resultados. É na família, num lugar seguro, com pessoas que nos amam, que devemos aprender a gerir as frustrações e as nossas emoções. Por isso, impor limites aos nossos filhos é uma forma de amar.

Masterclass 2014



Audição de Piano 2014

